

# A DEFEZA

Orgão do Partido Republicano Liberal

DIRECTOR—Manoel Alves Correia

Editor—José Plácido d'Oliveira Ramos

ADMINISTRADOR—Joaquim Correia Dias

Redacção e Administração—Rua Antero de Quental, N.º 18

Assignatura	PROPRIEDADE DA EMPRESA	Anuncios
Continente e ilhas adjacentes, semestre... \$75	Composto e impresso na Tip. «Ovarense», Rua Elias Garcia, N.º 132—Ovar	Primeira publicação, \$8 centavos a linha. Repetições \$4 centavos. Permanentes, contracto especial. Os srs. assinantes tem 25 p. c. de desconto.
« « « ano..... 1\$50		
Africa e Brazil « ..... 3\$00		

## Absurdos

Conseguiu o novo governo que o Parlamento adiasse por trinta dias o exercício das suas funções, fundamentando esta concessão com as questões de ordem publica que, no momento, tam sobrelevantemente reclamam energia e serenidade, firmeza e bom senso nas esferas da governação publica.

Debatemo-nos numa angustiosa crise que é cedo, ainda, antever por que processos se resolverá, e para que soluções se encaminha, e se em qualquer circumstancia, sempre, o tempo que se não aproveitou é perda, na verdade, sem remedio, presentemente bem maior importancia tem o que se perde sem o proveito oportuno que d'ele se deve saber tirar, para utilidade e beneficio publicos.

Suspensas as funções parlamentares, não pode o governo remover senão as dificuldades que uma boa policia ou bem disciplinadas forças militares bastam a tornarem, sob o ponto de vista da segurança publica, eficazmente innocuas, mas as dificuldades e males que são as causas remotas e substanciaes, essas, que o governo não põe em ordem pois que não sendo de sua plena competencia, ganham, porventura, alguma coisa em soffrerem um adiamento na sua instante resolução, pelo menos pelo espaço de tempo em que se conservam suspensas as funções legislativas?

Incongruencia singular e verdadeiro absurdo, num estado de sistema politico representativo, este de nas ocasiões graves, nas dificuldades fora do comum, fechar apressada, precipitadamente o Parlamento!

Não se pode com dezafoego e eficiencia manter a ordem, que é a base da sociedade civil como a estabelece e define a constituição do estado, cumulativamente com o exercício das funções do poder legislativo?...

Não se pode atacar o mal que ameaça de subversão o estado, na sua actual forma politica, com as côrtes exercendo paralelamente o seu papel de poder dirigente e deliberativo?...

Se assim é não está o remedio no adiamento que se votou, nem em outros successivos e indeterminados adiamentos; o remedio está, então, e somente, no abandono do sistema, sacrificado d'esta sorte e justa, legitimamente, porque a salvação publica o exige, a outro que

mais perfeita, mais cabalmente garanta a existencia das instituições politicas; e melhor e mais utilmente sirva os interesses nacionaes.

Bem sabemos que, quer o governo que pediu o adiamento dos trabalhos parlamentares, quer o Parlamento, que o concedeu, não acceptam nem admitem a veracidade de taes acertos ou conclusões; julgam o sistema representativo o mais harmonico com as condições politicas da Republica e da Nação, e é justamente por isso que caíram num absurdo de toda a evidencia, dadas as suas opiniões, pedindo e deliberando o adiamento.

O Parlamento não podia embarçar a ação do poder executivo pelas providencias que este determinasse para assegurar a manutença da ordem; prestar-lhe-hia o seu indispensavel concurso nas providencias a adotar para suster a descida trajica em que vamos por culpa, mais que ninguem, de estes dois altos poderes do estado; se se tem por absolutamente necessaria a plenitude da sua existencia e do seu funcionamento, em condições de normalidade, como a não aceitar e ter por necessaria quando tem de sair da sua izença, e do seu conhecimento da verdadeira situação do paiz, o remedio para males muito maiores do que os successos que foram a cauza do encerramento temporario do congresso?

Absurdo, absurdo, absurdo, no ponto de vista constitucional, porque no nosso estado republicano o Parlamento, se em quaesquer ocasiões deve funcionar, bem mais e principalmente o deve quando a gravidade extrema das circumstancias exige, em prol da nação, os remedios e as soluções que, naturalmente, só d'esse poder do estado tem de esperar-se.

Antonio Valente d'Almeida.

## Explicação

Merece-a o publico pelo favor com que tem acolhido este jornal desde a sua aparição. Ao assumirmos a direção da «Defeza» fizemo-lo com a nitida comprehensão das nossas responsabilidades como jornalista, responsabilidades d'ordem moral, já se deixa ver, que as outras por serem simples nada valem. Expuzemo-nos a quantos sacrificios fossem necessarios

de modo a satisfazer-mo-las galhardamente, para assim justificarmos, por parte dos nossos correligionarios, a sua dedicação, e por banda dos nossos adversarios, o seu respeito, não regateando nós a estes lealdade, e áqueles apoio. Os nossos amigos e correligionarios que digam se faltamos a este compromisso, e, se alguma vez erramos, que digam ainda se o erro foi por defeito de intelligencia ou por proposito malevolo. O que então escrevemos, e hoje resumimos, julgavamos que fosse sufficiente para dar a todos a justa medida dos nossos desejos, e a clara noção dos nossos processos. Não o quiz comprehender o nosso adversario politico—o partido democratico local—e pelo seu orgão officioso «A Patria» bem cedo mostrou quanto a nossa attitud e incomodava, e em vez de pôr em pratica a eterna verdade de que os principios sobrelevam os homens, preferiu divergir pelos odiosos caminhos a fazer-lo pelas ideias. E assim, numa das suas quintas-feiras «A Patria», sem sabermos porque, numa das primeiras columnas, aconselhava-nos um *jornalismo alevantado*, para logo adiante noutra columna e nos numeros seguintes se apresentar ao publico, com um descaço tranquillo e imperturbavel, na defeza dum *jornalismo de escada abaixo*, em que a linguagem desbocada, de um desbragamento sem indignação, marcava definitivamente nas suas columnas a norma a seguir. «A Patria» para defender as suas ideias precisava de atacar os homens á faca e ao calhao.

Fomos particularmente visados por modo intolerante e aggressivo sempre que os nossos escriptos iam de encontro aos seus processos politicos. Pedir-se justiça neste jornal quando gente da seita cá da terra cometia as maiores violencias e expoliava os cidadãos dos seus direitos e os cobria de enxovilhos degradantes, era tocar na alma dos chefes dessa demagogia que para ahí campeia apresentando uma inconsciencia propria de quem cumpre o que lhe mandam fazer, e cuja esportula a desobriga de quaesquer escrupulos que porventura suscitem na hora indigna. O que veio a succeder?

«A Patria», a servir-se da calumnia e da insinuação torpe, com grandes recursos de velhacaria, procurava deprimir a autoridade das nossas opiniões sinceras. Depois de muito refletirmos sobre a attitud e a tomar não encontramos dois remedios—decidimo-nos a deixar a direção desta folha republicana, consciencia de que certos adversarios politicos não merecendo a nossa consideração politica

não tem o direito de dela se julgarem credores.

Agora mesmo, sob os nossos olhos, passaram os nove numeros publicados da «Defeza»; e, se não nos agradaram pela pouca vivacidade e pela intelligencia mediocre que dispndemos no que escrevemos, sobremaneira nos apraz o realce da preocupação justiceira que eles traduzem. Do que aqui escrevemos, o nosso critério foi sempre escravo dum elevado ideal de justiça, sem olhar a lisonjas ou a ambições.

E não temos que nos arrepender. Sómente não podemos proseguir na nossa ideia por reconhecermos que nos faltam os nervos de aço para suportarmos a acintosa forma de combate usada por certas creaturas do partido democratico d'Ovar, a quem não damos o direito de nos roubar a serenidade de que a nossa profissão medica se não dispensa e que a nada sacrificamos.

Nunes da Silva.

## PINHAL DA AZAMBUJA!

Não ha duvida que Portugal caminha, desta vez, para uma epoca gloriosa, pois que são incansaveis os esforços, para nos levarem á gloria, feitos por todos estes democraticos que nos governam, sob os bons auspicios e entusiasticos aplausos do Pintor e correligionarios.

E' correr os jornaes, ligeiramente, mesmo sem preocupações de rabuscar e ir anotando:

—Só em Lisboa vivem do jogo 4:000 pessoas e existem 10:000 prostitutas, diz um, para amostra da grande moralidade dos nossos costumes.

—Com os trabalhos nos bairros sociaes, só de terra-planagens, gastaram-se já cerca de 4:000 contos; fecheiras duras, vendidas usualmente no mercado a 3 escudos, são facturadas para aquelas obras por 11 escudos: berra outro.

—Só com a aviação já se gastaram até hoje vinte e quatro mil contos: lamuria um terceiro.

—Desde janeiro de 1919 foram nomeados 17:000 empregados publicos, dos quaes 8:000 nem sequer tem carteira para trabalhar: elama de um lado o deputado Malheiro Reynão.

—Para a Guarda Republicana são encomendadas mais 12 baterias de metralhadoras e no estrangeiro encontra-se ainda uma comissão comprando cavalos para a mesma guarda: é o pro-

prio sr. Alvaro de Castro quem fala!

—Para que é que o Estado requisitou mais 19 luxuosos automoveis? pergunta este mesmo senhor.

—O orçamento fecha com um deficit de mais de 115 mil contos e só a Guarda Republicana absorve perto de 18:000 contos e, entretanto, um juiz de 3.ª classe ganha menos do que um soldado da guarda, segundo ao Sr. Presidente da Republica foi dito por uma comissão de magistrados.

—Isto é um paiz que tem estado a saque: diz o sr. Antonio Maria da Silva e ele que o diz...

—Razão tem o sr. Dr. Jacinto Nunes em lhe chamar em pleno Parlamento, um pinhal d'Azambuja, com a autoridade que lhe dá o seu passado modelar e com essa energia de um velho que possui a alma forte de um novo, temperada por um caracter de nobreza inextinguivel.

Vem a proposito referir uma frase, que ouvimos atribuir a Junqueiro, quando viu os democraticos empalmares de novo o poder: «Isto, assim, não é uma restauração, é um restaurante!»

## Corrigindo.

Num dos últimos numeros chamava a «Patria», pela boca do povo, á procissão de cinza—a procissão dos Alas ou dos Trauliteiros. Concordamos abertamente com esta segunda designação, mas desde que a primeira—dos Alas—seja substituida pela—dos Virgalinos—.

Nem outro nome podia caber a uma procissão em que se incorporaram um membro da Câmara Municipal—exclusivamente democratica—, um dos olerentes do colar da Torre e Espada ao sr. Capitão Camossa, um leitor assiduo do «Norte» e sócio do extinto centro democratico, e outros de igual jaez.

E, a propósito, deixe a «Patria» que lhe perguntamos: Que nome daria o colega, se existisse então, a essa mesma procissão de cinza quando, á frente do andar de Santa Izabel marchava a compasso da música, todo possuido do seu papel, e penetrado do brilhante figurão que ia fazendo, qual menino de sala cuidadosamente ensaiado, o agora seu correligionario e intimo amigo Dr. Chaves?

O Dr. Fidalgo chamar-lhe-ia provavelmente a procissão... dos maiores ou dos inegualavets.

# A resposta

Ficamos assentes em quem não foi um só indivíduo, mas os dois democraticos, srs. Malaquias e Brandão e outros mais, políticos e não políticos, que deram o vinho com que se embriagou a desmoralizada soldadesca coiceirista e de que resultaram os crimes selvagens, que sempre seriam lembrados com horror na nossa terra, se outros tristes factos, outros crimes posteriores, praticados sob o falso pretexto de salvar a Republica, não viessem empanar o sinistro brilho dos primeiros.

Basta pois de levantar, em tudo e a proposito de tudo, insinuações tendenciosas, para prolongar a atmosfera de terror, com que tanto tem especulado o grupo democratico vareiro. É tempo de ensaiar outros processos, porque o terror deu o que tinha a dar como arma politica.

Quando o terror mais imperava, e as prisões ainda encerravam as victimas das prepotencias, levantou-se no concelho um partido onde se congregaram os homens de bem saídos de todas as classes, que representavam uma força politica importante e uma força moral muito maior ainda, porque significava um protesto energico contra a opressão e violencia de meia duzia.

Nem por um momento sequer pensámos em acusar ou melindrar os srs. Brandão e Malaquias, dois importantes e bemquistos negociantes da nossa praça. Citando os seus nomes quizesmos mostrar quanto o faciosismo dos seus correligionarios era inconsequente, opressivo e odioso.

Concorda a «Patria» em que estes seus dois confrades também deram vinho à tropa, «pelo mesmo motivo que o viajante assaltado na charneca...»

Fracca sabida. Para dar o vinho não foi preciso pôr os srs. Brandão e Malaquias «entre a espada e a parede»; e tanto assim que, no dia immediato, o sr. Brandão vinha oferecer ao ditador realista vareiro os seus serviços politicos, como velho camarada d'outros tempos; e o sr. Malaquias deixava vitoriar a monarquia, no seu armazem dos Campos e solicitava os salvo-condutos do comandante da administração coiceirista, afim de conduzir para cá 3 pipas d'azeite que tinha em Espinho e mandar para o Porto uns carros d'arroz.

Por estes factos podem-se classificar de monarchicos ou auxiliares realistas aqueles dois cavalleiros?

Longe d'isso, eles eram então monarchicos, como hoje são democraticos.

Bons chefes de familia, commerciantes arrojados e de bom nome na nossa praça, onde gozavam de simpatias, procuram sempre, em todas as epochas de crise, primeiro do que tudo, assegurar o socego e a paz da sua casa e depois fazer o seu negocio, sem estorvos, sem os prejuizos que as convulsões revolucionarias e as intrigas politicas sempre acarretam.

Com as tropas coiceiristas, desmoralizadas e ebrias, podiam ser invadidas as suas casas, assaltadas as mercadorias importantes que ali se encontravam; com os democraticos no poder, dispondo d'uma boa parte das secretarias e ameaçando, com o estadulho da situação, as outras, estão sujeitos a largar tudo quanto ganham nas repartições do esfolo, vendo-se obrigados a paralisar as suas transações. Eis porque ha pouco mais d'um ano faziam boa cara á ditadura das baionetas revoltadas e hoje arrancham a um canto da meza no

banquete de confraternisação a 20\$00 por cabeça, atirando-se como homens cheios de saúde ao perú bem temperado, enquanto os varios oradores politicos se atiravam aos coiceiristas ausentes.

Mas nem todos os commerciantes d'Ovar seguem a mesma ordem de ideias.

Ha felizmente muitos homens, que sacrificando um pouco, o que de mais caro possuem, dispõem da energia precisa para se opôr a que meia duzia de audaciosos, tendo por unico apoio as forças, que o poder empréstia, façam do povo do concelho o arre-burrinho das suas soffregas ambições. E a energia d'aquelles bastou para levantar a opposição que em breve, na primeira oportunidade, fará reduzir a nada esse colosso de pés de barro, que se chama o partido democratico d'Ovar.

Finalizando, temos a dizer á «Patria» que não podemos individualisar a pessoa a quem se referiu, 1.º porque a não conhecemos, 2.º porque nunca insultaríamos qualquer cavalleiro mesmo nosso adversario. Temos por cada um, o respeito bastante, para não lhe dirigir insultos. Os insultos sô ferem a quem os dirige.

## Declaração

Nós abaixo assinados declaramos que tomamos inteira e completa responsabilidade, individual e colectivamente, por todos os artigos que no jornal a «Defeza» forem publicados sem assinatura dos seus autores.

E fazemo-la por troça a três valientes guarda-costas da fulange dos Alcinos e Martinhos.

Jack Janshon—ex-campeo de box. Carpentier—campeão europeu de box.

Peterson—campeão de luta.

## Infeliz sapateiro

Diagnosticou a «Patria» de 4 de corrente que o pescador Custodio Rodrigues falecera, na Misericórdia de Ovar, de «hemorragia interna», diagnostico que, no dizer da mesma folha de 18, foi verificado por um técnico. A proposito daquela gazeta, toda ancha, faz espirito, lá por que nós, baseados no que ouvimos dizer, mostramos ter opinião contraria sobre o modo como o infeliz pescador foi socorrido no hospital; e, de rabeção em punho, diz que o tocador arranjou um par de botas.

Acreditamos. O que resta saber é se não foi a «Patria» que talhou a fôrma e que, tendo de as usar, por apertadas, lhe não hão-de machucar os calos, pagando-as, por cima, com lingua de palmo. Senão... esperemos.

Como as malhas de uma meia, as quais, caída uma, vão todas na esteira da primeira, as-

sim os parlamentares do P. R. P. tem abandonado uns após os outros o seu partido.

Não nos poderiam dizer os republicanos de Ovar filiados naquêle P. R. P. para onde vão agora?

Seguirão o sr. dr. Alvaro de Castro?

Ficarão com o sr. Antonio Maria da Silva?

Desculpem a nossa curiosidade, mas nós gostavamos de saber com quem tratamos daqui por diante.

# Xadrez

## Espectáculo

Segundo temos ouvido dizer, haverá dentro em breve um espectáculo para apresentação da peça

«EL TRIO VALIENTE»

Farça nam acto e... numa scena

Se a nossa reportagem especial não falha, a scena passa-se da seguinte maneira:

Personagens: Um mata-sanos e dois capitões

Sobe o pano lentamente; fôra ouve-se um coro numa desafinação completa:

Nós somos três  
Três, três, só três;

Irmãos unidos,  
—Desgraça a nossa!—

—Eu sou o L....  
—Eu o T.....  
—E eu, o do meio,  
—Sou o C.....

De estaca de feijões em riste, á laia de lança, qual D. Quichote preparando-se para arremeter contra as azas dos moihos que, lá ao longe, o vento faz voltear, agarrados com unhas e dentes ás crinas das azémolas, para não caírem, num chouto vacillante de quem se sente pouco forte na arte de bem cavalgar, olhando desconfiados para todos os lados como quem, contra a vocação natural, se fêz espadachim á força e pela força... das circunstancias, atravessam a scena, vestidos á guisa de guerreiros antigos, caracterizados e de cabeleira pos-tiça, os três cavalleiros da tristissima figura.

Nós somos três,  
Três, três, só três

Cabeccando, as azémolas vão marcando o compasso.

—Dulcinea, ó querida Dulcinea, onde estás tu?

# PARNASO VAREIRO

## Estrelas

Olhos claros, tremeluzentes dos planetas  
Venus, Netuno: olhos fundos das estrelas,  
Aldebaran, Orion, Sirio, que de inquietas  
perguntas, em tropel, ao namoral-as, vel-as.

Certo será que liras de oiro de poetas  
lá canticos desfiram; certo, que donzellas,  
deem cabelos seus á cauda dos cometas?...  
As vidas, para alem, que aneio de entendel-as!

Imovel, sobre nós, uma que num colar  
tirava brilho e cor ás joias mais preciosas,  
que cantos e que ais se chocam na Polar!

Caudal de lutas, de ambições, de pensamentos:  
infames, puras, miseraveis, virtuosas,  
que não ouvimos—não nos ouvem os lamentos!

Antonio Valente d'Almeida

E, ao longe, o eco responde-lhes:

—Ide para um convento!

Desorientados tentam fugir; porem num último arranco de uma coragem postica, encaram com o público, e, em coro também, voz trêmula de quem se sente pouco seguro, preguntam os três:

¿Hay por aí um valiente  
que se quiera bater con  
o tres 3 valientes?

Uma gargalhada geral—única resposta digna—écôa por toda a sala.

Lentamente volta o pano a descer.

## Mais um

A última hora foi alterado o programa do espectáculo do trio valiente porque o sr. P. C. resolveu também fazer parte do grupo de guarda-costas dos escrivas que se não sentem com coragem de arrostar com as responsabilidades dos seus artigos.

É mais um para o rol. Realmente já tinhamos notado a falta do maior de todos (opinião Fidalgo); assim fica mais completo o grupo dos acrobatas.

De sorte que o terceiro afinal é um... quarteto! Achamos bem. Já temos quem pegue num andar; e para a tarracha lá está o homem dos sete instrumentos, o director, editor e proprietario.

Vamos, pois, ter espectáculo de variedades!...

Um trabalha no arame; outro dá o salto mortal; outro engole a cobra viva. Qual será o que dança na corda bamba? Se calhar... dançam todos ao mesmo tempo...

Jorge d'Aguilar.

## Devaneios...

### Candida

O teu silencio causa-me desespero. Não compreendo bem os motivos que te forçam a esse retraimento que me enerva, pois julgo que o amor que dizias dedicar-me, ainda se não extinguiu de todo no teu coração puro e immaculado. A minha alma confrange-se de dor, quando penso que já não posso ouvir o arfar do teu colo alvinitente, nem salvar languidamente os teus beijos quentes, fugazes, penetrantes, como que revoadas de pombo branco; azas de prata a cortarem o ar.

Esquecer-te-ias do teu Antonio? Com que saudade, eu recordo esses momentos felizes que passavamos juntinhos, nas noites cálidas do estio, segredando promessas encantadoras e juramentos cheios d'ardor...

Tinhas então 18 anos. Os teus olhos, d'um verde d'esmeralda, emprestavam-te um ar de candura e de beleza, que me eterificava a alma e escravizava o coração, com as algemas sublimes da meiguice, com os encantos ideaes do teu rosto d'anjo. Os teus cabelos levemente deitados, davam com as suas ondulações fagueiras, ao teu ta he esbelto e gracioso, á nobreza e altivez do teu porte, uma graça candente de pureza e de castidade.

Quantas vezes em arreboes misticos de prazer, as nossas almas se elevavam aos páramos do infinito, ás regiões etéreas do sonho e da fantasia, banhadas pelo luar suavissimo e de prata, doceo magico de bergantim de sonhos que corre sempre, eternamente, para o porto estranho de acaso!

A hora do luar é a hora do sonho, da renuncia e do misterio em que harmonias arrastadas de edificas harpas andam pelos cimos das arvores dos jardins da alma...

Porque não me escreves, Candida? Porque não alegras o meu coração com um sorriso dos teus, embriagante e seductor, parecendo uma taça de cristal reverberante de brilhos, onde se afundasse sempre uma magnolia d'ambar?

Beijo-te saudosamente as mãos

Antonio.

## Será verdade?

A última hora constanos que um grupo de republicanos independentes de Ovar tencionam dar a sua adesão ao grupo do sr. Dr. Alvaro de Castro.

Qualquer dia temos a «Patria» a chamar ao sr. Dr. Alvaro de Castro e aos seus—talassas, falsos republicanos, etc.

CARTAS DO PARA

(Continuação do n.º 8)

E' nesta agridoce disposição d'alma que vou alongando a vista pelas ribas formosíssimas do Tejo, tão formosas que, segundo lêo, só terão rivaes nas do Guanabara e do Bosphoro; e neste instante, supremo para mim, que não para os que ficam, sinto-me ufano de sêr filho desta pátria, porque os passageiros, das mais diversas nações e todos á uma, suggestionados por este espec'áculo grandioso da natureza, passeiam os seus olhos por todo o horizonte na manifesta avidéz de nelles recolhêr e fixar para sempre, como numa câmara escura, esta maravilhosa photographia que se lhes depara, tendo a esmaltá-la os já pálidos raios do sol que, lá do poente, parece casar os seus adeuses aos que instinctivamente me brotam dos lábios e dos olhos em destilações aquosas da alma.

Ao mesmo tempo, turbilhões de ideias me acodem á imaginação, recordações gratissimas se erguem na memória em vagas alterosas, e o pensamento desprende o seu vôo, veloz como o raio, através da imensidade do espaço, e vai, como a avezinha que emigra acoçada pelas intempéries da estação, á cata dum refúgio no seio da terra que me foi berço e das amizades que me embalaram. E' que na verdade, nestes momentos, o homem, por muito grande que seja a sua audácia e o seu destemôr pelas coisas da vida, por mais usado que ele ande ás alternativas da sorte, perde um pouco dêsse carácter varonil que lhe assignala a anthropologia, sente fraquejarem-lhe as forças phisicas, entibiar-se-lhe a alma, prêsna nas constricções da dôr, entra por bem dizer nêsse nirvana da vontade, que se traduz por uma abnegação e um desprendimento por tudo que o rodeia, para se absorver na extática meditação dos iluminados por uma fé que não morre, porque vive e tira forças da sua própria fraqueza.

Adens! adens!—são as últimas vozes estranguladas da alma, que se embebe agora naqueles derradeiros prolongamentos da terra, semelhanças aos braços hirtos do

ente querido que, de longe, acena ainda com o lenço symbolico da saúde, de que mal se divisa já na fimbria do horizonte o agitado esvoaçar. Tento num supremo esforço assistir ao desaparecimento dêsses restos da querida pátria e falecime a coragem, contrabaticida, nesta gigantesca luta que se trava dentro de mim mesmo, pela impetuosa investida das saúdaes que me empolgaram.

Assim, vou-me asylar no «music-room»—na sala de música—, onde umas meninas, descuidosas das agruras da vida, tocam e cantam descompassadamente módinhas de Portugal, sem aqueles tímbrs e modulações de voz tão característicos das nossas galantes tricaninhas. Quando mais tarde volto ao convés, já se tem fechado a noite e não se vê de Portugal senão o scintilante vagalume dum farol, que, muito ao longe, nos despede com os seus espaçados lampejos, projectando na espessa escuridão que nos circunda um abundante e vivissimo feixe de luz.

E' a minha última e irrevogável visão da pátria! Vejo-a agora através daquilo que os antigos povos, na sua embryonária sabedoria, tinham já por mais puro e mais sagrado, e que os modernos ainda não puderam contradizer, porque efectivamente é essa a sua essência—o fogo. Em boa verdade, porque o fogo tudo limpa e tudo lava, e nada o macula, é essa a lente mais sem jaça mediativa a qual eu poderia antever a pátria, naquelle arroubo sublime d'alma que só a dôr pôde occasionar na sua mais eloquente expressão—a saúde.

E' essa, não há duvida, a minha última e irrevogável visão da pátria! Por quantos anos?—Deus o sabe.

Com este pensamento, que é uma esperança tantas vezes enganadora, desço a cambalear ao convés do meu camarote, engaveto-me no beliche, e adormeço naquelle estonteamento das saúdaes, para acordar pela manhã seguinte na vastidão do Atlantico. Agora o scenario, como num lance de mágica, é completamente outro. O anil do céu e o verde do mar são os bastidores que lhe desenham os contornos; alguns farrapos de nuvens que cruzam os ares e os carneirinhos das águas, que se tocam aqui e ali de

fosforescentes velos, constituem as personagens desta representação a um tempo simples e magestosa que nos oferece a natureza.

Ao cahir da tarde escrevo algumas cartas, que no dia seguinte hei de deixar no Funchal, donde serão expedidas para ahi. Dir-se-iam as lamentações dum novo Jeremias, tão impregnadas vão dos queixumes e saúdaes que outrora deve ter soldado a alma suavissima dêsse profeta.

(Continua)

Adolpho Amaral.



Fizeram anos:

No dia 15, o sr. Dr. Alvaro Valente de Almeida.

No dia 16, o sr. Justino de Jesus e Silva.

No dia 17, o nosso assinante sr. Antonio Pereira Pinto, ausente em Manáus.

No dia 18, a sr.ª D. Generosa de Sousa, prendada filha do sr. Carlos de Sousa.

No dia 19, a sr.ª D. Maria José Gomes Ramilo, e a sr.ª Rosa da Silva Pinto Cascais, esposa do sr. Manoel de Oliveira Areia Cascais.

Ontem 20, a menina Emilia Augusta, filha do sr. Antonio Augusto Correia Baptista.

As nossas felicitações

Noticiario

Partidas e chegadas

De visita ás Familias Nunes da Silva e Cequeira Vidal, estiveram entre nós no domingo último a Ex.ª Sr.ª D. Margarida Dihel Granja e Manoel Pereira Granja, paes do nosso particular amigo Dr. Nestor Granja.

— Vindo do Rio de Janeiro, encontra-se nesta vila, o sr. Manoel Gomes da Silveira.

Doentes

Encontra-se de cama, há dias, bastante doente, chegando a estar em perigo de vida, o sr. José de Castro Cequeira Vidal, digno inspector do

Tinha camara municipal com dois vereadores, presilhados pelo Procurador do Concelho, e escrivão privativo. Este empregado municipal era escrivão ainda da almotacéria que tinha mais dois almotacés e um alcáide. A curadoria dos orfãos estava entregue a um juiz com seu escrivão.

Nesta data nem eram mais numerosas, nem menos complicadas as justiças de Ovar.

VIII

Varões illustres

Era cabeça de concelho e daquí naturaes os inclitos varões, Manoel Soares de Albergaria que veio á luz no Bairro de S. Tomé e o Padre Luiz Cardoso diz no seu Diccionario, I tomo. ser filho de Aveiro, com grave offensa da verdade e desta vila. Tornou-se notavel este patricio nosso pelos seus talentos e logar distincto que conquistou entre os seus concidadãos, chegando a governador de Buarcos e Parahiba, no Brazil, depois de exercer

circulo escolar.

Sentindo sinceramente os seus incomodos, fazemos votos pelo seu pronto restabelecimento, o que, de resto, cremos ser o desejo de todos quantos conhecem bem o sr. José Vidal.

— Igualmente têm passado bastante incomodados a sr.ª D. Glorinda Nunes Branco, esposa do sr. Manoel Augusto Nunes Branco; o sr. Antonio Dias Simões; a inocente Maria Alexandra, filha do nosso amigo sr. Augusto Abragão; o sr. Manoel Redondo Jemenes; e o sr. Padre Homero Rodrigues da Silva.

Falecimentos

Sepultou-se no dia 11 a sr.ª Maria de Oliveira Gaspar, esposa do sr. Manoel Rodrigues Valente Lopes.

E no dia 12 a sr.ª Maria de Matos, esposa do sr. Manoel Bernardino de Oliveira Gomes e mãe e irmã dos nossos particulares amigos, srs. Francisco de Oliveira Gomes e Francisco e Manoel Maria de Matos.

O feretro foi conduzido em carro funerário de Espinho, onde aquella senhora havia falecido, para esta vila na tarde do dia 11, sendo durante o trajecto acompanhado por diversas pessoas tanto de cá como daquela praia.

A's familias enlutadas, e, em especial, áquelles nossos amigos, sentidos pezames.

Passos

O tempo invernos do final da semana passada e de domingo último não permitiram que a tradicional procissão dos Passos chamasse a Ovar á costumada affluencia de forasteiros, nem revestisse a festa o brilho característico.

os póstos do ajudante de Cavalaria da Beira e mestre de Campo;

Doutor Fernando Pereira de Campos, juiz de Fóra na vila de Aveiro e depois chanceler na cidade de Goa no estado da India; e

Dr. Frei Thomaz Pereira de Campos, irmão do antecedente, mestre da Ordem de Christo e Conductário na Faculdade de Theologia da Universidade de Coimbra.

IX

Barra de Aveiro

A área submersa pelas águas da Ria era vasta, mas foi já maior antes de se abrir o rego de 70 palmos (15,5 metros) de largura que lhes dava vazão para o mar e se acabava de praticar, era terreno desta paróquia trez leguas abaixo da capela de Nossa Senhora das Areias e se denominou Nova Barra de Aveiro. Esta abertura, porém, tendia já a assurear, obrigando a grandes despezas a sua conservação,

No entanto, a despeito das impertinentes bategas de agua que por vezes nos visitaram, as ruas da vila estiveram durante todo o dia bastante animadas, e os combóios, da tarde principalmente, chegaram e partiram repletos de forasteiros.

A' igreja não fomos, talvez porque, por um basilar principio de boa educação e uma perfeita comprehensão da liberdade de consciencia, não temos por norma entrarmos em qualquer templo senão quando um profundo sentimento religioso nos move, e não com o baixo intento de criticar o que por lá se passa.

Ora, como lá não fomos, e como a procissão se não effectuou, noticia alguma podemos dar das cerimónias religiosas.

Cinema

Como aqui noticiamos, exhibiu-se, no domingo último, no Salão Olimpia, a fita «Comissario de Policia».

Como previamos agradou imenso, pela alegria em que constantemente manteve os espectadores, e mesmo pelo desempenho que, se atendermos á pouca pratica dos actores, somos forçados a convir não foi nada mau.

Para hoje, além dos excellentes films *Joven mais bella do rancho* e *Segredo da montanha*, esta em 2 partes, apresentamos a empreza em variedades *Tom Kalwó*, estu-pendo manipulador-illusionista, rei-campeão da evasão com a sua bella secretaria *Miss Amelia*, que acabam de receber fartos aplausos no salão Foz de Lisboa e teatro Agúia de Ouro, do Porto, oferecendo *Tom Kalwó* 200\$00 escudos a quem conseguir prende-lo com qualquer aparelho ou ligadura.

A malandragem

Continua a malandragem a praticar das suas pelo calado da noite.

Há dias foram as escadas da Igreja, agora o crivo de uma janela na rua Ferreira Meneres!...

Então essa Guarda Republicana?!...

motivo porque nesta freguezia e noutras vizinhas invadidas pelas águas da Ria fóra em 1758 lançado o imposto do rial do vinho para custeio dessas despezas.

X

O Terremoto de 1755

As casas ovarenses apresentavam-se na sua quasi totalidade térreas e sem nada de notavel a não ser as em fóрма de castelo que então serviam de celeiro onde se recebiam as rendas do Infantado junto ao Cruzeiro da Vila, que dizem terem noutra tempo, quando existia a Casa da Feira, sido Castelo, nome que ainda em 1758 conservavam e hoje se dá ainda ao sitio onde assentavam e se veem as escolas Conde de Ferreira.

Devido certamente a essa circumstancia é que a vila pouca ruina sofreu em 1 de novembro de 1755, por occasião do formidavel terremoto.

Continuar-se-há

M. Lirio.

Ovar em 1758

A capela de S. Paio e a de S. Jacinto eram objecto de romagens numerosas aos domingos e dias santificados, mas principalmente nos dias em que se celebravam os respectivos padroeiros ou titulares.

Havia ali naqueles dias missa a fim de poderem satisfazer ao preceito os homens que se empregavam ali na pesca; pois cada ano desde o Espirito Santo a principios de Dezembro, isto é, durante mais de seis mezes, acorriam á Torreira para se entregarem a essa faina, muitos ovarenses e a S. Jacinto os moradores de Ilhavo.

Mas os dias de maior romagem eram os de 25, 26 e 27 de julho e 7 e 8 de setembro. Em 25 e 26 festejavam-se S. Jacinto e Nossa Senhora das Areias; em 27, Nossa Senhora do Bom Sucesso; e em 7 e 8 de setembro,

S. Lazaro e S. Paio. A Ria tomava então um aspecto magnifico e fantástico coalhada de mil barcos florindo em bandeiras multicores que lhes debruavam as velas enfunadas e subiam pelas cordas e mastros e se alinhavam drapejando ao longo das vergas em cruz.

E ao marulhar das vagas erguidas no arripio do vento ou formadas sob a superficie tranquila do esteiro sob a pressão da prôa em marcha, juntavam-se numa policromia de sons que encantavam, as vozes dos instrumentos e dos descantes de milhares deromeiros que lá adiante, á borda do arraial fulvo se oprimiam dessembarcando em alegres chusmas.

VII

Justiças

A vila de Ovar era julgado om seu juiz ordinário que o era ao mesmo tempo do crime, civil e cizas e servia com as mesmas atribuições na Vila de Pereira Jusan,

# AVIZ

## Companhia Resseguradora Portuguesa

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL --- 1.000.000\$00 ESCUDOS

Autorizada pelo governo em portaria de 20 de Junho de 1918 e á exploração de seguros directos por portaria N.º 1788 de 5 de Maio de 1919

Séde Social—Rua do Carmo, 69—2.º LISBOA

Endereço telegrafico VIZA-LISBOA  
Telefones: Expediente 3919—Administração 5001

Delegação—Rua Mousinho da Silveira, 129 PORTO

Endereço telegrafico PORTIVIZA  
Telefone—776

DELEGAÇÃO EM HESPAÑHA—Calle de Alcalá, 40—DELEGAÇÃO NO FUNCHAL, José Torquato de Freitas—DELEGAÇÃO DE VILA REAL, Americo Gomes da Costa—EM COIMBRA, Avenida Sá da Bandeira, 50—1.º

SEGUROS E RESEGUROS CONTRA OS RISCOS:—Fogo casual e proveniente de guerra, de transportes ferrestres e marítimos, agrícolas, postaes, roubo, contra quebra de cristaes, automoveis, gado, etc., etc.

Agencias no Paiz e Ilhas

O Conselho de Administração

Alberto Correia, Antonio Barbosa, Antonio Cardoso de Sousa, José da Costa Pereira, José Dias da Silva

QUIOSQUE—TABACARIA Praça da Republica — OVAR —

ANGELO GONZALEZ

Sempre á venda charutos da Bahia, tabacos refrigerantes sameiro, rebuçados, tintas de escre-nacionais e estrangeiros. Papel para cartas, idem de ver e copiar, fumadeiras, pomadas preta e de cor 25 a 35 linhas, lapis, lapiseiras, canetas, bicos de para calçado, bolsas de borracha para tabaco e mi- escrever, papel de fumar, livros, loterias, cervejas, e os outros artigos.

### BANCO NACIONAL ULTRAMARINO OVAR

Depositos á ordem, com o juro de 2 1/2 % e 3 1/2 %.

Depositos a prazo, com o juro de 3 1/2 %, 4 % e 4 1/2 %, respectivamente a tres, seis me- zes e ao ano.

Saques sobre todas as localidades, aos melhores premios.

Descontos sobre a praça a 6 % ao ano.

Empréstimos caucionados, cambios, cou- pons e papeis de credito.

### Ourivesaria

RELOJOARIA

— DE —

José Placido d'Oliveira Ramos

Sucessor de PLACIDO O. RAMOS



Officina e especialidade em finísimos objectos d'ouro e um sortido completo em estojos de prata proprios para brindes

Compra ouro, prata e pedras preciosas

73—Rua Elias Garcia—75

OVAR



# Atlántica

Companhia de Seguros

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital social (Escudos) 500.000\$00  
Capital realizado (Escudos) 150.000\$000  
Fundo de reserva (Escudos) 150.000\$00

Sede: Lotos, 92---PORTO

Receita de 1914 (Esc.)...	36.988\$03,5	Sinistros pagos em 1914—	22.601\$41
» de 1915 » ...	71.197\$29,5	» » em 1915—	25.903\$15
» de 1916 » ...	537.897\$94,3	» » em 1916—	153.470\$50
» de 1917 » ...	3.139.404\$23	» » em 1917—	1.427.035\$74

Afóra os que se teem pago até esta data

Agencias em França, Inglaterra, Noruega, Suecia, Dinamarca, Hespanha e Egito.

Seguros contra fogo. Seguros contra fogo e roubo. Seguros contra greves e tumultos. Seguros agrícolas. Seguros contra quebra de cristaes. Seguros de guerra. Seguros marítimos e postais. Seguros contra inundações e enxurradas.

Conselho de Administração:

Manoel Joaquim de Oliveira  
Dr. José Maria Soares Vieira  
Silvino Pinheiro de Magalhães  
Dr. Leopoldo Correia Mourão | Directores  
Jaime de Sousa | delegados

Agentes em todas as terras do paiz

Comissarios de avarias em todos os portes do mundo